

Crise pode minar a influência da economia americana

Os problemas econômicos enfrentados pelos Estados Unidos estão causando uma erosão na influência política e estratégica global do país, segundo disseram acadêmicos importantes na semana passada.

Ainda é cedo demais para determinar se, ou até que ponto, a situação ameaça minar as metas da política norte-americana ou comprometer a segurança dos Estados Unidos, disseram essas fontes. Mas acrescentaram que um dólar em processo de enfraquecimento, uma intensa necessidade de reduzir os gastos norte-americanos e a queda de poder industrial e agrícola dos Estados Unidos estão se combinando para reduzir a capacidade do país de influenciar o resultado de assuntos mundiais.

Devido às características de longo prazo desses problemas, as mesmas fontes alegam que a situação começou a deflagrar um realinhamento das relações entre os EUA e muitos dos seus principais aliados na Europa e na Ásia — principalmente o Japão.

"A ordem global está numa erosão lenta e constante", disse Seizaburo Satoh, cientista político da Universidade de Tóquio e assessor do primeiro-ministro japonês, Yasuhiro Nakasone, que está deixando o cargo. "A supremacia total dos Estados Unidos é uma coisa que já deixou de existir."

Cada vez mais, disse Satoh, a aliança entre os Estados Unidos e o Japão está sendo moldada em torno do princípio de que os Estados Unidos fornecem o poder militar para manter seguros os interesses estratégicos mútuos, ao passo que o Japão fornece o impulso econômico necessário para sustentar os dois países. Basicamente, disse Satoh, espera-se que os Estados Unidos forneçam os homens e o equipamento necessários para a defesa enquanto o Japão irá fornecer o dinheiro.

"Essa é a divisão básica do trabalho entre os dois países" disse Satoh. "Ambos são muito cooperativos em termos dessa divisão de trabalho, e acho que isso continuará assim no futuro."

Satoh fez suas observações durante uma conferência de dois dias realizada em Tóquio esta semana sobre "O Japão e os Estados Unidos na área emergente da Bacia do Pacífico". A conferência foi co-patrocinada pelo Ministério das Finanças do Japão, pela Universidade Princeton e pela Fundação para Informação e Pesquisas Avançadas, um grupo educacional de financiamento privado sediado na capital japonesa.

Opções reduzidas

Alguns participantes norte-americanos concordaram em que essa aliança está se modificando, e que o declínio da força econômica norte-americana começou a reduzir as opções estratégicas da nação.

"Na verdade, até que os Estados Unidos restaurem a solvência fiscal, e somente se isto acontecer, seria muito difícil para o país travar outra guerra na mesma escala dos conflitos coreano ou vietnamita, sem o consentimento dos japoneses e sem o apoio financeiro deles ao dólar."

Essa declaração fez parte de um texto apresentado na conferência por Robert C. Gilpin, um professor de Política e de Assuntos Internacionais em Princeton.

Para os Estados Unidos, o custo da manutenção de operações militares no Exterior tem aumentado, ao passo que a capacidade do país de pagar esses custos está diminuindo, disse Gilpin.

O Japão está preenchendo a brecha, comprando, em média, 40% dos bônus emitidos pelo governo dos Estados Unidos, a credores estrangeiros para cobrir o seu déficit nos gastos. Não existe nada de novo num "namoro" econômico, levando ao casamento dos interesses estratégicos de dois países. Analistas políticos indicam, no entanto, que pela primeira vez, agora, desde a Segunda Guerra Mundial, os problemas econômicos poderão forçar os Estados Unidos a reavaliarem a posição estratégica ocupada no decorrer das quatro últimas décadas.

Henry Bienen, diretor do Centro de Estudos Internacionais de Princeton acha que não será possível aos EUA manter o tipo de segurança e de políticas que adotaram desde a Segunda Guerra Mundial. Será necessário no futuro, disse ele, que os Estados Unidos ampliem o seu uso de parcerias econômicas como meio para atingir suas meta-estratégicas.

Argumento semelhante foi apresentado por Toyoo Gyohten, vice-ministro de Assuntos Internacionais no ministério japonês de Finanças. Até recentemente, disse ele, a aliança entre os dois países se baseava nos Estados Unidos assumindo a liderança na elaboração da agenda diplomática entre as duas nações. Na sua opinião, o Japão precisa agora assumir um papel internacional mais importante.

No decorrer dos dois últimos anos, o dólar perdeu mais de um terço do seu valor em relação a outras moedas importantes como o iene japonês ou o marco alemão ocidental. Em termos estratégicos, esta redução no poder aquisitivo significou um aumento de mais de um terço nos custos dos Estados Unidos para manter suas forças militares no exterior, disse Gilpin.

Nestes dois anos, os Estados Unidos deixaram de ser um país credor para se tornar um país devedor. Ao invés de receber juros referentes a empréstimos concedidos ao exterior, os Estados Unidos atualmente estão pagando juros para financiar o seu próprio gasto deficitário.

Ao mesmo tempo, os consumidores norte-americanos estão comprando mercadorias estrangeiras em níveis sem precedentes, o que também se traduz no envio para o exterior de capital que poderia, noutra situação, ser investido para fortalecer os alicerces industriais e agrícolas do país.

Nesta situação, os Estados Unidos realizaram uma considerável escalada militar, que contribuiu muito para o déficit do orçamento federal.

Agora, no entanto, "os mercados já enviaram sinais avisando que os déficits do orçamento federal não podem mais ser sustentados", disse Bienen. "O tempo terminou para os enormes déficits norte-americanos."

Com o dia do ajustamento fiscal em vias de ocorrer em Washington, os cortes nos gastos militares emergiram entre as prioridades no Congresso. Bienen vê um perigo exagerar-se o impacto que tais cortes poderiam ter sobre a segurança dos Estados Unidos, mas disse que alguns ajustes estratégicos parecem ser inerentes à situação.

"Os Estados Unidos não são um país fraco", disse Bienen. "Os Estados Unidos não continuarão apresentando desequilíbrios (orçamentários) deste tipo durante muito tempo no futuro. Isso se poderá arranjar. A questão é saber com que rapidez."

Bob Deans, da Cox News Service